

Delimitação inicial da noção cultura a ser usada no mapeamento cultural da UFBA

Albino Rubim

A delimitação da noção de cultura apresenta, desde sempre, dificuldades nada desprezíveis. Não por acaso existem centenas de definições de cultura já catalogadas. Não cabe no projeto de pesquisa refazer este amplo e complexo itinerário teórico-conceitual em busca de uma noção mais adequada ao trabalho. Melhor empreender um esforço, mesmo que preliminar e não exaustivo, de delimitação aproximativa que dê contornos a uma noção que seja operativa para a investigação e a análise.

1.

Não tem sentido trabalhar com uma noção bem ampla de cultura do tipo: toda intervenção humana, para além de nossa história natural, é cultura. Com tal noção alargada, tudo na universidade seria considerado cultura. Neste horizonte, nossa pesquisa perderia o sentido. Além de ter que analisar todas as atividades universitárias, algo inexecutável, o projeto abdicaria, por exemplo, de qualquer singularidade do fenômeno cultura na universidade, em relação à formação profissional ou à ciência. Logo, o horizonte demasiado da noção não se adequa ao mapeamento.

2.

Em um polo oposto, aparece uma noção bem restrita de cultura, entendida apenas como artes e patrimônio (físico ou material). Esta angulação também não atende às fronteiras do projeto, pois trabalha com dimensões por demais limitadoras, excluindo muitas atividades que precisariam ser elencadas e analisadas para se conhecer a atuação cultural da UFBA, em profundidade, como este projeto de pesquisa pretende.

3.

A noção de cultura deve operar, por conseguinte, entre as estas duas balizas: nem tão ampla, nem tão restrita. Dizer isto ajuda, mas não permite ainda uma delimitação operativa para o trabalho. É preciso incorporar outras áreas imediatamente derivadas das artes, do patrimônio e da cultura para conformar um espaço de pertença da noção de cultura que seja operacional para o projeto.

4.

A noção de cultura deve englobar as chamadas linguagens artísticas específicas e setores afins: artes digitais; artes gráficas; artes integradas; artes plásticas ou visuais; arte urbana; audiovisual; circo; cinema; dança; desenho; escultura; fotografia; grafite; literatura; música; opera; performance; pintura; teatro; vídeo etc.

5.

Também precisam ser incluídos os diversos registros de patrimônio (material/tangível, imaterial/intangível e natural) e suas dimensões correlatas: memória, memoriais, mitos, restauro; ritos, sítios arqueológicos, tradições etc.

6.

A noção incorpora, para além das artes e do patrimônio agora em perspectiva alargada, as culturas em seus desdobramentos identitários: internacionais, nacionais, regionais, locais; urbanas, rurais; populares; indígenas; negras; branco-ocidentais; ciganas; infantis, jovens, adultas, idosas; de gênero; de comunidades LGBT; de pessoas com deficiências etc. Tal abertura possibilita não só agregar novas perspectivas, como sintonizar a noção com uma das características relevantes da contemporaneidade a emergência, vivência e proliferação de múltiplas identidades socioculturais, um dos alicerces para o florescimento da diversidade cultural na atualidade.

7.

Igualmente a noção busca acolher as culturas em correlação com seus suportes espaciais e tecnológicos: acervos, antiquários, arquivos, auditórios, bens culturais, bibliotecas, centros culturais, cibercultura, espaços culturais, espaços patrimoniais, equipamentos culturais, exposições, falares, feiras, festas culturais, festivais, galerias, indústrias culturais, indústrias criativas, jogos eletrônicos, jornais, leitura, linguagens, línguas, livrarias, livros, mídias colaborativas, mostras culturais, museus, periódicos, redes culturais, redes sociais, revistas, saberes, salas de cinema, salas de teatro, sebos, sistemas de informação culturais etc.

8.

A noção abriga igualmente campos afins com a organização da cultura: associações culturais; cooperação cultural; curadoria; diplomacia cultural; gestão cultural; intercâmbio cultural; políticas culturais; produção cultural; programação cultural etc.

9.

Ela abarca também o registro da formação e dos estudos em cultura: capacitação cultural; educação patrimonial; ensino da cultura; ensino das artes; estudos em cultura; formação artística; formação cultural; formação de públicos culturais; formação de usuários de bens culturais; pesquisa em cultura; qualificação cultural etc.

10.

A proposição de Gilberto Gil na sua gestão no Ministério da Cultura trouxe novas áreas de interface com a cultura: arquitetura e urbanismo; artesanato; capoeira; cosmologias; desenho industrial; design; gastronomia; moda; publicidade; saberes etc.

11.

No ambiente universitário, o diálogo com outras áreas de conhecimento e de práticas afins ao campo cultural possibilitou inúmeras interfaces: antropologia cultural; comunicação cultural; direitos autorais; direitos culturais; ecologia e cultura; economia criativa; economia da cultura; engenharia do espetáculo; filosofia da cultura; geografia cultural; histórica cultural; saúde e cultura; sociologia da cultura etc.

12.

Ainda que todo este percurso não resolva em todos os casos a pertença ou não à cultura, em sua noção adotada no projeto de pesquisa, ele pode possibilitar um caminho de orientação para os pesquisadores envolvidos no projeto na busca de um horizonte compartilhado, que torne viável e dê algum rigor às opções de pertença tomadas no estudo.

13.

Mas dada a complexidade da noção de cultura e de suas fronteiras precisas, deve-se ter clareza que as orientações acima não permitem dirimir todas as dúvidas sobre o pertencimento e a inclusão de determinada atividade no âmbito do projeto. Nesta perspectiva, o caminho a trilhar necessita ser nítido. Em primeiro lugar, sua discussão e deliberação no ambiente da coordenação do projeto. Caso este debate não se mostre conclusivo, a pesquisa, em segundo lugar, deve recorrer a outra instância criada, dentre outras tarefas, para solucionar tais impasses, o comitê de especialistas convidados, formado por professoras e professores de toda universidade, que estudam e lidam com a cultura, nos mais diferenciados registros acadêmicos da UFBA.

Durante a realização da pesquisa novas dúvidas surgiram sobre a questão do delineamento da noção de cultura. Depois de algumas discussões, foi elaborado mais um roteiro buscando orientar ainda mais a definição de cultura. Portanto, a partir de dúvidas suscitadas, devem ser considerados para efeito do mapeamento os seguintes aspectos complementares.

14.

As atividades, disciplinas, projetos que utilizem a cultura como recurso mesmo que para alcançar fins não claramente inscritos no campo cultural.

15.

Conteúdos que implique em mudança de valores, atitudes ou comportamentos.

16.

Dimensões que estejam relacionados a um criador ou a alguma singularidade sua no uso de materiais, procedimentos etc.

17.

Materiais que tratem da relação do território com a identidade de um grupo social.

18.

Fatores que promovam a relação da língua com a cultura. Deverão ser desconsiderados aspectos linguísticos mais instrumentais e técnicos.

19.

Conteúdos que se relacionem com a memória.

20.

Materiais que tratem de pensamentos e reflexões de autores ou correntes teóricas sobre fenômenos sociais.

Acredita-se que mesmo com estes novos contornos, o conceito de cultura ainda vai guardar algum grau de indefinição. Nesta perspectiva, a construção de fóruns coletivos de debate e deliberação se tornam essenciais.